



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

DE0042018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

3 de Agosto de 2019 • Ano LXXVI • N.º 1967
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ERA uma tarde pardacenta, de um domingo preguiçoso. Eu recostava-me na minha cama, aguardando o alívio das minhas mazelas. Sou acordado pelo toque incomodativo do telemóvel:

- Está lá? Quem fala?
 - Senhor prior, estou aqui com os meus filhos na rua.
 - Na rua, onde?
 - Neste largo, frente ao hipermercado chinês.
 - Mas eu passo aí todos os dias e não vi aí ninguém.
 - Senhor prior, tenha pena de nós, que ainda hoje não comemos nada.
 - Ao Domingo não tenho aqui ninguém que me ajude a distribuir seja o que for. Apenas posso dar-lhe pão e fruta.
- As minhas mazelas calaram-se um pouco e eu desci, passada meia hora, para atender os pobres.

Já estavam na cozinha um rapaz novo e uma jovem. Que vivem na rua, se eu os posso ajudar na aquisição de uma casa.

- Então, mas vocês não pediram só alimentos?
- Não fomos nós, foram outros.
- Mas como é que eu posso agora ajudar-vos na compra da casa?
- Tem ajudado tantos, também nos ajuda a nós.
- Nem pensar! Não tenho dinheiro, nem faço as coisas com essa facilidade.

Entretanto, vejo outras pessoas vestidas do mesmo modo, fora da sala de jantar, a espreitar à janela.

Eles insistem e insistem, como se eu fosse dono do mundo e não quisesse partilhar com eles uma migalha.

Não faço diferença entre negros ou ciganos, de qualquer raça ou cultura, mas, com os ciganos, ponho-me sempre de pé atrás.

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

90 anos!

HÁ 90 anos, completados no p.p. dia 28 de Julho, Américo Monteiro de Aguiar era ordenado presbítero, culminando um longo processo de escuta, confronto e decisão na sua vida, ao longo de 41 anos. Na idade infantil/adolescente era forte o desejo de corresponder ao apelo da força espiritual interior que o atraía para o serviço divino; mais tarde, na juventude e durante anos de idade adulta, procurou o conhecimento do mundo e usufruto do que ele oferecia, sem nunca se deixar dominar por ele; depois, concluindo serem efémeros e inúteis esses anos que vivera, numa vida vazia e sem sentido, abriu-se-lhe “o caminho da luz” que lhe lavou a alma e lhe incutiu o mandato de ser ele também luz para os que ainda andavam adormecidos como ele andara. Não com palavras nem pela força das ideias, mas com a força do testemunho de quem vive o que diz. Assim nasceu o Padre Américo.

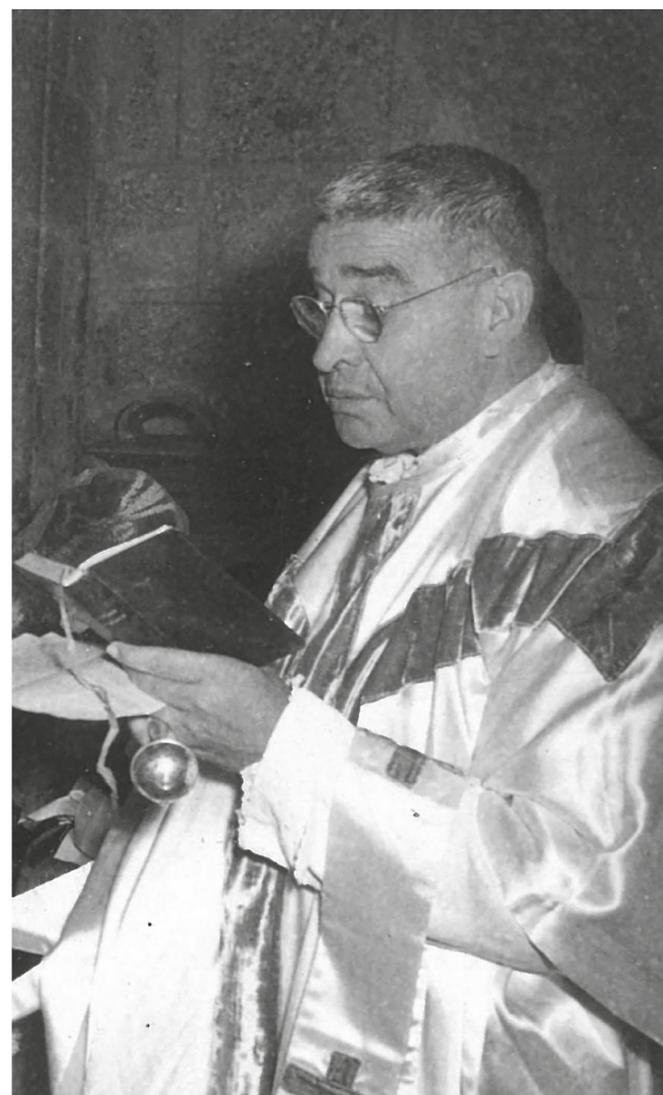
Escolheu como fonte permanente para a sua vida a Palavra que não se esgota, nem perde a sua força, nem envelhece ou morre: o Evangelho. Ele que é o reflexo e a Presença de Jesus Cristo para quem O escuta, olha e come; Ele é a luz, a sabedoria e o alimento de quem O segue. Por isso, o meditar contínuo, o ruminar d’Ele no coração e na vida, resultou no homem novo que foi fermento de uma sociedade nova.

A árvore conhece-se pelos frutos que produz. Pai Américo produziu abundantes frutos de que muitos se alimentaram, revigorando as suas vidas. Uma multidão imensa de Rejeitados, Pobres de muitas pobreza que venceram a miséria, mas também muitos outros que conheceram, através dele, o sentido feliz a dar às suas vidas.

O fruto maior da vida de Pai Américo foi a Obra da Rua. Obra que, conscientemente, nunca atribuiu a si, mas a Deus, que plantou, cuidou e fez crescer por Suas mãos. A sua admiração por esta graça que nele se realizava, começou precisamente na hora da sua ordenação, ao inscrever no seu nome o ponto de exclamação perante tamanha graça naquele momento recebida: P. Américo!

Padre Américo Monteiro de Aguiar pôs-se então a caminho. Escolheu como meios fundamentais para o seu agir a pobreza e a obediência. Posta em marcha a Obra que coincidiu com a sua vida, nunca mais quis outra riqueza senão a pobreza «heróica e dolorosa, amada por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo»; e, imitando o agir do Mestre, nada fazer por livre arbítrio mas com o acordo do seu Bispo.

A Obra cresceu inopinadamente, como chuva que cai sobre terra estéril produzindo inesperados frutos em tão pouco tempo; «ninguém faria mais e melhor», naquelas condições completamente adversas.



Novos obreiros vão surgindo ao longo dos quase oitenta anos da sua existência formal, que se completarão a 7 de Janeiro de 2020. Pai Américo acertou no vinte, como se dizia quando as classificações tinham esse valor como o máximo. E deixou-nos a ajuda para o seguirmos, expressas em letra de forma, nas Normas de Vida para os padres da rua e em muitos outros escritos para os cristãos e homens de boa vontade.

Aguardamos, agora, expectantes, a voz da Igreja de quem Pai Américo foi e é, na confirmação da heroicidade da sua vida, seguindo os passos de Cristo, nas virtudes que podemos elencar, de forma leve, por palavras suas:

- Fé: «Os padres da rua são homens de vida interior, que por si mesmos se submetem aos conselhos de Cristo Nosso Senhor, como se O tivessem visto, ouvido e conhecido na Sua vida mortal.» (N. V., n.º 19);
- Esperança: «São pobres: pobres por devoção. O espírito de pobreza é a sua pedra de toque. Eles são homens que não podem perguntar o que hão-de comer e vestir, sem deixarem, contudo, de trabalhar e poupar para terem sempre à mão o necessário, tanto para si como para as multidões que os procuram.» (N. V. n.º 25)
- Caridade: «São apaixonados de Cristo. Podem não ter carismas sensíveis, nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma paixão e gastam-se como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo.» (N. V. n.º 17). □

Continua na página 4

O NOSSO CALVÁRIO

Padre Fernando Fontoura

DIA 9 de Janeiro do corrente ano, após duas intervenções nos meses de Novembro e Dezembro, por nós consideradas inapropriadas e deploráveis, pelo menos na forma de realização das mesmas, boas notícias aconteceram para a nossa Casa do Calvário e do Gaiato de Beire. Apesar desses desencontros acontecidos e que porventura ditaram divergências, o dia acima referido, além da minha presença, como Director do Calvário e da Casa do Gaiato de Beire, esteve presente o Sr. Director da Obra da Rua, Pe. Júlio Pereira. Estiveram ainda os representantes do Instituto da Segurança Social, IP, nomeados pelo Sr. Presidente do Conselho Directivo, Dra. Sandra Alves e Sr. Arq. Fernando Almeida. Também contamos com os membros do elenco directivo da CNIS,

acompanhando o seu presidente, Pe. Lino Maia, bem como o Sr. Vice-Presidente do Município de Paredes, acompanhado pelo Sr. Arquitecto, Chefe de Divisão do Urbanismo e a Sra. Vereadora da Cultura e Acção Social, Dra. Beatriz Meireles, nomeada representante da Câmara Municipal, para acompanhamento deste processo. Conforme vontade explícita do Sr. Bispo da Diocese, e como seu representante esteve o Sr. Ecónomo Diocesano, Pe. Samuel Guedes.

Neste encontro, preparado antecipadamente por uma deslocação a Lisboa, à sede da Acção Social do ISS, houve oportunidade de definir vários equívocos e traçar alguns vectores fundamentais para a resolução da situação “estranha” e “incómoda” que aconteceu com o nosso

Calvário e Casa Gaiato de Beire, depois de tantos anos a acolher os mais rejeitados da sociedade, sem se questionar qual a sua condição religiosa, económica, familiar ou qualquer outra a não ser a sua condição de pessoa, que em muitos casos e relatados ao vivo pelo Pe. António Baptista se encontravam em miseráveis condições, muitas delas inumanas...

Não tenho dúvidas que todos os intervenientes, cada qual do seu ponto de vista, sintonizamos as nossas boas intenções e delineamos critérios e opções para implementar os procedimentos necessários à “legalização” institucional e daí derivada a necessária Licença de Habitabilidade, indispensável para cumprimento de requisitos legais...

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

“ECONOMIA DE FRANCISCO”: UM APELO PARA RESPONDERMOS BEM AO DESAFIO DO PAPA — No passado dia 1 de Maio o Papa Francisco redigiu uma carta publicada pouco depois convocando para os dias 26 a 28 de Março de 2020 um grande evento internacional na cidade de Assis que denominou “Economia de Assis”. A vontade do Papa é que nesse encontro participem cerca de 500 jovens (até aos 35 anos) que se dediquem à investigação e ao ensino na área da economia e à promoção de formas de organizar a actividade económica que contribuam para dar uma “nova alma” à economia do amanhã. Com isto, o Papa quer referir uma economia que dê atenção aos pobres e a outras pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social e que cuide do ambiente.

Para isto nada mais inspirador do que o exemplo de S. Francisco de Assis que tem um lugar central no magistério do Papa Francisco.

O apelo é dirigido tanto a crentes de qualquer credo religioso, como a não crentes, e também tanto a quem tenha actividades de docência e investigação, como a quem possa partilhar testemunhos de uma vida ao serviço aos pobres e doutras pessoas em situação de exclusão social, numa comunhão que integre tudo o que Deus criou, sejam os outros seres humanos, ou sejam os outros seres vivos e inanimados que constituem o meio natural em que vivemos e no sustenta.

O apelo preferencial do Papa aos jovens é pela esperança que neles deposita de poderem ser responsáveis no amanhã por formas de organizar a economia que cuidem dos pobres e do ambiente.

Há muitos jovens portugueses, Vicentinos ou não Vicentinos, com ricos testemunhos de vida a partilhar sobre o seu envolvimento em formas de organizar a economia, como a partilha solidária, o trabalho voluntário e outras, postas ao serviço dos pobres e doutras pessoas em situação de vulnerabilidade e de exclusão social que, por isso, poderão ser excelentes candidatos à participação neste evento.

Fica aqui o apelo para que jovens nessas condições preparem e apresentem a sua candidatura através do site criado para este evento (<http://www.francescoeconomy.org>), ficando ao dispor para ajudarmos quem assim fizer naquilo que estiver ao nosso alcance. Para isso, podem enviar-nos mensagem para carvalho.mendes@sapo.pt.

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal):

Conferência de Paço de Sousa — A/C Jornal O Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa. Telem. 965464058 — O nosso NIB: 004513424003543534043 (só para donativos para a Conferência Vicentina). □

ECOS DE AZURARA

Manuel Pinto

Saímos de Paço de Sousa no dia 25 de Junho, terça-feira, pouco passava das oito e meia da manhã. Tempo fresco e com cara de chuva... Depois da “móbiá” carregada e arrumada pelo Paulo, motorista, abalámos.

Ainda não eram dez horas quando chegámos. Toca a descarregar e a colocá-la em funções na *nossa* casinha. por estes breves dias. Estamos sozinhos, pois o primeiro turno dos nossos pequenos só chega amanhã.

Passaram já 24 horas e ei-los a chegar na carrinha conduzida pelo nosso Padre Júlio. Os responsáveis habituais, Alberto «Resende» e sua esposa, haviam chegado mais cedo, a preparar a sua chegada.

Há algazarra e gritaria. O Chefe decide funções e cama a cada um. Após isso, joga-se a bola e matraquilhos. E a presença destes amores faz-se notar na vizinhança. Há paz, alegria e brinca-se!... Acrescento, ainda, que se encontram no meio desta pequenada alguns elementos da Casa do Gaiato de Beire.

E os dias vão passando... Hoje, sábado, tivemos Missa celebrada pelo nosso Padre Júlio, que se deslocou de Paço de Sousa até cá.

Há alguns amigos que se lembram que a Casa do Gaiato — zona Norte — tem uma colónia de férias em Azurara — Vila do Conde — e visitam-nos com suas ofertas. Bem-hajam, pois.

Domingo, dia de sol, mas muito vento. Nem por isso a multidão deixou de aparecer. A nossa casa está rodeada de carros e de pessoas que foram para a praia. É assim nos fins-de-semana neste período de Verão!

Voltando à nossa rapaziada, todos os dias vão à praia e ao mar. De regresso, tomam uma chuveirada. Chefe «Resende» carregado de *t-shirts* que os meninos deixaram “esquecidas” na areia, chama os faltosos e pergunta-lhes pela roupa... e ouvem um raspanete! Passando pelo cozinha, vejo D. Guida agarrada aos tachos, preparando o jantar desta Comunidade. Enquanto não jantam, há futebol e TV para entreter.

Avizinha-se a noite, depois de um dia alegre e feliz, graças a Deus! ... E lá se foram os saudosos quinze dias! Haja saúde, paz e bem e até ao ano! □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Realizámos o nosso encontro anual em 30 de Junho último. Foi um dia de grande alegria fraterna. Depois dos abraços e amistosos cumprimentos seguimos para a Eucaristia, onde o nosso P.e Manuel realçou a família que somos e queremos ser cada vez maior e mais unida. Recordámos na celebração os que nos deixaram mais recentemente, nomeadamente o Vítor Garcia, o José Santos e a Dona Maria do Rosário. Para eles pedimos a Deus a graça do paraíso celeste.

Terminada a missa fizemos uma breve romagem ao busto de Pai Américo e à estela do nosso P.e Horácio, onde foram depositadas flores, símbolos do afecto e estima que as lembranças de ambos nos transmitem.

A Assembleia Geral decorreu com brevidade e normalidade, destacando-se da mesma a aprovação, por unanimidade, da proposta de se entregar um subsídio à Casa do Gaiato para ajudar ao pagamento

das contas consequentes às obras de restauro e conservação dos edifícios, que estavam a ser executadas.

O almoço foi do agrado de todos, graças à escolha da ementa, ao empenhamento e saber fazer do Bandarra, da Rosita, do Paulo Neves, do Vítor Bernardo e muitas outras boas vontades.

Depois do café, formaram-se duas equipas para o tradicional jogo de futebol.

Enquanto decorria o jogo foi feita a prova e classificação dos bolos e bolas apresentados a concurso. Estes enriqueceram a nossa merenda. Foram contempladas com as distinções e prémios de primeiras classificadas, nos doces, a Emília Duarte, nos salgados, a Rosa Maria, esposa do “Tonito”, com o pão do pai.

Refrescados os corpos na piscina, aprimorada para o nosso encontro, seguiu-se o lanche partilhado, alegre, variado, abundante e bem gostoso.

Agradou-nos muito a presença de novas caras e o empenhamento de gerações mais recentes, garantia de continuidade. Fizeram-se associados mais nove elementos. Demos conta de algumas ausências que costumam ser presenças habituais. Fazemos votos de que não tenham sido motivadas por doença.

Chegado o dia ao fim, arrumámos as bagagens, fomo-nos despedindo e regressando a casa, conforme as vontades e necessidades.

Desejamos que no próximo encontro seja possível juntar a nós os que não puderam vir e outros que se queiram fazer novos associados.

Termino lembrando que em vinte e dois de Setembro encontrar-nos-emos na Senhora da Piedade, em Tábuas, Miranda do Corvo, para um dia de convívio fraterno e com a natureza. Como é habitual os comes e bebes são da responsabilidade de cada um e para partilhar com quem estiver presente. Até Setembro. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Esta é uma actividade a que se dedica muito tempo, considerando a área agrícola e florestal. Chegados os dias de mais calor, foi cortada a palha de aveia e posta a secar; e depois foi enfardada durante vários dias, com alfaia contratada, nos vários terrenos: *terra do poço novo, lameiro, terra nova, terra dos grilos, terra do Ti Jaime e olival dos poços*. No total, tivemos uma boa produção, pois foram contabilizados 1510 fardos, que deram muito trabalho a arrumar em condições. Na cultura de milho-grão, no *campinho*, foram arrancadas ervas daninhas e tem sido regada, pois bem precisa para crescer e dar boas espigas loiras. Na nossa horta, a junça é um problema grave, pelo que foram semeadas abóboras, em boa parte. Entre o campo de futebol e a latada dos *kiwis*, foram plantadas várias plantas hortícolas: couves, alfaces, tomateiros, cebolo, pepinos, pimentos e curgetes. Das nossas árvores de fruto, têm sido colhidos pêssegos e ameixas. Nas últimas semanas, tem-se andado a capinar e a limpar vários terrenos e bordas, cuja tarefa é dura: *olival da mina, bataréus* — encosta voltada à rotunda Pai Américo, olivais e barreiras junto à Avenida Padre Américo, e margens de um ribeiro junto aos nossos terrenos. Mesmo com os devidos cuidados veterinários, não foi possí-

vel salvar uma ovelha (que adoeceu depois dum parto) e uma ovelhita.

OBRAS — Dada a sua urgência, devido às infiltrações de água das chuvas, nos telhados e nas paredes dos nossos quartos, foi necessário levarmos a cabo obras de reabilitação do nosso edifício central. Assim, foi arranjado o restante telhado, arranjadas as orlas das janelas e pintadas as paredes deste prédio, voltadas a sul. Depois, foram pintadas as paredes e os alpendres da *casa-mãe*, e os corredores por baixo. Os mosaicos da

varanda do 1.º andar e do átrio principal foram rejuntados, pois vários estavam partidos. Parte do telhado (norte) do edifício próximo (dos serviços domésticos) teve de ser limpo e foram substituídas muitas telhas. As obras continuam. Aos amigos e amigas que enviaram as suas partilhas, o nosso bem-hajam! Dado que as facturas são pesadas, o nosso *mealheiro* é o seguinte: Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato — 3220-034 Miranda do Corvo — NIB: 0035 0468 00005577330 18. Antecipadamente, muito obrigado! □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DE ÁFRICA

João Evangelista

Este ano o nosso Encontro será nos dias 7 e 8 de Setembro, na nossa casa de praia em Azurara.

Mais uma vez, em Família, vamos conversar e reviver parte do nosso passado.

Os problemas nas Casas do Gaiato de Benguela e Malanje persistem, com os nossos Padres a sofrer, cada vez, mais com a pobreza e a miséria, esticando daqui e dali para ajudarem tantas crianças abandonadas, pobres, doentes e idosos.

O programa do nosso encontro será igual ao dos anos anteriores. Se houver alguma alteração, será comunicada na hora da tua chegada.

Há sempre tempo para um mergulho e um passeio à beira-mar.

A todos os Antigos Gaiatos das nossas Casas de África deixo o convite: telefona para o 967661608, Quim «Proselo», a marcar a tua presença. Lá nos encontramos para um abraço. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Elísio Humberto

DIA DE PAI AMÉRICO — Em 21 de Julho comemorámos, na Casa de Paço de Sousa e por toda a Obra da Rua, o 63º aniversário da partida de Pai Américo para o Céu.

Logo pela manhã iniciámos o programa da Associação com a realização da Assembleia Geral na nossa sede, onde foi lida e aprovada por unanimidade a Acta da Assembleia anterior, em sessão calorosamente dirigida pelo Presidente da Mesa, perante os sócios presentes que tomavam conhecimento dos diversos pontos em discussão. Dos vários assuntos tratados são de salientar o relatório de contas, orçamento e plano de actividades deste período decorrente 2019/2020, ficando deliberado ser dado apoio e

seguimento ao “tríptico” cultural da Associação para os sócios usufruírem: Música, onde a Tuna desempenha o papel de embaixadora ao Mundo; a Pintura clássica em tela, dirigida pelo sócio/mestre José Ponte; e a Literatura escrita. Esta última área criada há dois anos, não queremos que esmoreça e continuamos receptivos aos novos testemunhos de Gaiatos que queiram dar o seu contributo, para a curto prazo avançarmos com a 2ª edição do livro “Esses caminhos que andamos...” agora mais coordenada e aumentada com novos trabalhos que entretanto cheguem. A 1ª edição está esgotada e haja possibilidades financeiras para avançar a impressão na Tipografia da Casa do Gaiato de

Paço de Sousa. Na pintura há trabalhos às dezenas já criados e prontos para serem adquiridos por interessados. Quanto à música, está na “forja” a ser construído selectivamente um CD com as músicas mais marcantes e populares da Tuna, para edição no futuro próximo.

A lista única e eleita para os órgãos sociais da AAGFN mantém-se atenta e unida e lembramos as palavras do sócio Godinho: “critiquem menos e colaborem mais com esta Direcção” para o bem de todos! Depois de lida a Acta demos por encerrada a Reunião e deslocámos-nos ao cemitério de Paço



BEIRE — Flashes da Quinzena

Um admirador

O nosso P.º Telmo nas “mãos de buda”... Depois daquela festa toda, dormi tão bem que, no Domingo de manhã, como diria o salmo 108, 2, até quis ir acordar a aurora... Todo eu era acção de graças cá por dentro: *Os Teus carinhos para comigo, Senhor, são mais numerosos do que os grãos de areia do deserto.* São 06:10h da manhã e o sol, vindo ali de Castela, por detrás das serras de Valongo, já anuncia a sua chegada. Um nascer do sol, digno dos relatos do *nascer do sol em África*. Lembro uma experiência que P.º Telmo refere muitas vezes: — *Recebemos o convite e julgamos que íamos ver um filme... Só imagens do nascer e pôr-do-sol! Que coisa maravilhosa! A casa estava cheia e o silêncio era de cortar à faca. Como se de um empolgante filme de acção se tratasse. Nunca mais esqueci.*

Chego às minhas hortas. Passo pelos *chuchus, fizalis, maracujás, arcaçais, fajoas, chá príncipe, hortelãs, cidreira, parietária, ...* Vou directo aos meus limoeiros. Hoje, os meus cuidados centram-se no *mãos de buda*¹. Foi uma oferta que, vai para dois anos, o *Horto de Creixomil* fez a P.º Telmo e ao Calvário. Porque nenhum de nós conhecia tais maravilhas de *Gaia* — a nossa Mãe Natureza.

O ano passado brindou-nos com um exemplar único, que andou por aí de mão-em-mão, com a pergunta *quem é que sabe o que é isto?! E o gozo egoico de*

um ninguém sabia e eu sim!... Este ano, fraquito, ainda deu algumas floritas, mas tudo caía sem promessas de futuro. Tomo consciência do meu pecado. Porque não tinha cuidado dele como merecia e precisava. Impus-me, como penitência, prestar-lhe todas as atenções de uma mãe para com um filho doente...

Estou a ser recompensado. Hoje já tudo é esperanças de... Um boa meia dúzia de *mini-mãozinhas de buda* em que podemos ver já os *dedinhos* formados, etc., etc.. Lembro uma questão levantada pelo nosso Prof. Doutor Henrique Manuel Pereira. Foi ali debaixo das nossas seculares carvalhas. À volta da mesa, durante uma sardinhada — lanche ajantado! — depois da Solenidade Eucarística. P.º Telmo estava sentado à nossa frente, silencioso e sorridente, com uma flor ao peito, abraçado pelo Nána, também silencioso e contemplativo. Uma *flor de cera*, que o Fernando, a correr, foi buscar, fresquinha, para oferecer a P.º Telmo. Um quadro digno dos seus *68 anos de Padre*. — *O que é que fará com que este homem atraia assim tanta gente?! Porque, nele, não se lhe vê nada de especial.*

Porque é uma questão que a mim mesmo me ponho muitas vezes, disse *coisas de circunstância*. A *fazer conversa* com o Henrique. Mas hoje, enquanto cuido o limoeiro e me regalo a sonhar o que já se vê, em promessa, naquelas *mini-mãozinhas*

de buda, dou comigo a ruminar: P.º Telmo é assim porque sempre cuidou do seu *Eu Profundo*. Esse *Eu Verdadeiro*, esse *Eu Autêntico* que, no mais fundo de cada um, qual eco da *presença ignorada de Deus* em nós, sempre nos chama à *Unidade* (“Eu e o Pai somos UM e vim para que todos sejam UM” Jo, 30). Esse *Eu Escondido*, tantas vezes abafado pelas mil e uma tentativas de domínio subtil dos nossos *ego(ismos)*, *ego(centrismos)* que, levados por uma crónica *cegueira emocional*, não vêm para lá do próprio umbigo... Porque, de sua natureza irracional, só pensam na *satisfação imediata de suas necessidades egoicas*.

Do que vou sabendo, a somar ao que vejo em cada dia aqui conosco, P.º Telmo sempre cuidou dessa *Voz Interior* que, no mais fundo de nós, sempre chama à *Comunidade*, à *Fraternidade* e à *Reciprocidade*, em comunhão amorosa. E, hoje mais do que nunca, ainda cuida desse *jardim secreto* de cada um a que chamamos *vida interior* e que, em cada dia, nas diversas circunstâncias, sempre chama por nós, com suas necessidades e exigências próprias. Coisas que, hoje sabemos-lo melhor e já com aparatos de explicação científica, quando faltam de forma acentuada e persistente, levam à tão propalada *angústia existência*. Típica da falta de *um sentido para a vida*, que nunca falta a P.º Telmo.

1 — Se ainda não viu nenhum limão desta raça, vá à *net* que, em imagens e texto, logo lhe dá uma ideia... □

SETÚBAL

Padre Acílio



O casamento do David Veia e da Rita teve um longo e amadurecido tempo de preparação. (...) No lugar da vida que escolheram, são responsáveis e chefes de outros colegas trabalhadores, manifestando as suas qualidades de liderança, desenvolvidas neste método educativo e **autogoverno**, numa *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*.

Gente de Castelo Branco

HÁ vários anos que nos habituámos à alegria desta visita das amigas e amigos de Castelo Branco.

Também eles se habituaram a nós, por forma que, nos parece não poderem passar sem este encontro anual.

Arranjam transporte. Durante o ano vão enchendo a saca, euro a euro, a quantia vai aumentando. É nas praças, é nas ruas, e é, sobretudo, na igreja, que estes nossos visitantes vão aumentando o tesouro das suas ofertas.

E no domingo marcado, aí vêm eles carregados com o azeite das suas colheitas, as especiarias da sua região, os bolos e pão de alguns ofertantes, o chouriço, o queijo e os enchidos vários, próprios e característicos daquela zona de Portugal.

É claro que há sempre quem comande. Quem ateie o fogo, quem vá lembrando e quem junte as pessoas para que venham até à Casa do Gaiato. Mas, a grandeza dos dirigentes é tal, que o anonimato impõe-se.

Trouxeram-nos quarenta e um litros de azeite e mais quatro mil euros. Ajuda preciosa, neste tempo de indiferença e de egoísmo sufocante.

O encontro em nossa Casa é simples: as pessoas celebram conosco a Santa Missa, depois vêm entregar as suas ofertas, no meio de esfusiantes cumprimentos. De seguida, visitam tudo o que é a Casa do Gaiato. Vão ver as sementeiras, as plantações, a beleza das searas e tudo lhes enche a alma.

O almoço é também um dos pontos importantes da sua visita. A nossa magnífica sala enche-se de gente feliz, que transmite amizade por todos os poros e sente a alegria da sua doação.

É muito curto um dia só para a abundância de tantos afetos, mas a nossa alma enche-se de acção de graças e da bondade Divina, revelada nestes corações.

Até para o ano, amigos. O nosso coração anseia já pela vossa ajuda e a vossa visita. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Com isto, não quero eu dizer que entre os ciganos não haja gente belíssima, com vidas heróicas e humildes, mas o geral não é assim. A gente tem de se precaver, não nos podemos abrir, como eles pretendem. Tudo me cheirava a ciganice.

Continuam os dois jovens sem desarmar, a apertar comigo, para que os ajude, porque sou padre, porque sou um homem de Deus, porque tenho ajudado tanta gente e porque agora não os quero ajudar a eles. E repetem as suas exigências, lamuriensas e chatas, até à exaustão.

Logo, de princípio, agarrei-me à verdade das coisas:

— *Dou-vos pão e fruta. Não tenho dinheiro nenhum.*

— *Mas quando é que nos pode receber outra vez?*

— *Eu sei lá. Estou tão doente!*

— *Mas, marque o dia, marque a hora.*

— *Meus senhores, mas para quê? Se não vos posso ajudar, que vêm vocês aqui fazer?*

— *Ajuda a tantos, só a nós é que não quer ajudar.*

E a discussão chega a tal ponto que eu tenho de levantar a voz, para ver se me livro deles.

Verdadeiramente, com gente assim, eu não me entendo. □

de Sousa (antigo), onde já aguardavam mais Gaiatos, para a simbólica romagem à campa do nosso Padre Carlos. Depositadas flores e minuto de silêncio, todos desejamos eterno descanso no Céu.

Chegados agora ao largo da Capela, onde o nosso irmão Tony Gaiato ia distribuindo a quem chegava, uma agenda de recordação que amigo Paulo de Fânzeres teve a amabilidade de oferecer à Associação oito dezenas delas, para simbolizar este dia tão grato para a família Gaiata que está presente.

Dá as 12.00 horas e toca a sineta para a Eucaristia. A romagem com a coroa de flores desde a entrada até à campa rasa de Pai Américo teve este ano mais participantes no acto, sendo ao mesmo tempo declamado um poema de agradecimento e homenagem ao fundador da Obra da Rua, complementando cada um com a sua oração pessoal.

Tem início a Eucaristia que mantém

inalterável desde há 63 anos o sentido neste dia especial e neste local sagrado: Unir a família Gaiata e recordar a partida do Pai para o Céu.

A Tuna esteve ao seu alto nível dando a beleza musical aos cânticos litúrgicos. O celebrante e Director da Obra da Rua, Padre Júlio, informa os presentes na Capela cheia, que está ali a concelebrar um jovem Padre, que foi Gaiato nesta Casa e menino dos olhos da D.ª Virginia, à época. O Quintino Manuel, ordenado em 2012, apaixonou-se por Deus e enveredou pela via sacerdotal, um sonho que Pai Américo viu, lá do Céu, concretizado. Actualmente é Pároco de Cacilhas, Almada, e quem sabe possa vir um dia engrossar a equipa de Padres da Obra da Rua, alguns já tão velhinhos e cansados.

A Associação dá os parabéns ao Padre Quintino pela sua opção sacerdotal, desejando eternas felicidades.

E como escutamos na homilia, em tempos difíceis que a Obra da

Rua atravessa e a realidade que lhe é adversa, no “turbilhão” desta vida, como dizia Pai Américo, ser Padre é uma missão importante e marcante na história da Obra da Rua, os esteios, Pais e guias que dêem continuidade à missão da Casa do Gaiato, hoje e no futuro: acolher o rapaz da rua desamparado!

Da Missa saímos para o refeitório para degustarmos um delicioso almoço preparado pelos rapazes e servido em *self-service*, sempre repleto de recordações e alegria. Seguiu-se pela tarde o café no Bar; o show musical dado pela Tuna; a visita ao Museu/Memorial Pai Américo; o banho na piscina; mais o lanche com o famoso caldo-verde... à Gaiato. Cada um passou alegremente e à sua maneira este especial e simbólico dia. Agradecemos à Casa que nos criou este “miminho de mãe” que uma vez mais nos deu.

Até para o ano, se Deus quiser e recebam Aquele Abraço, sempre! □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt

https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 19800

Director: Padre Júlio

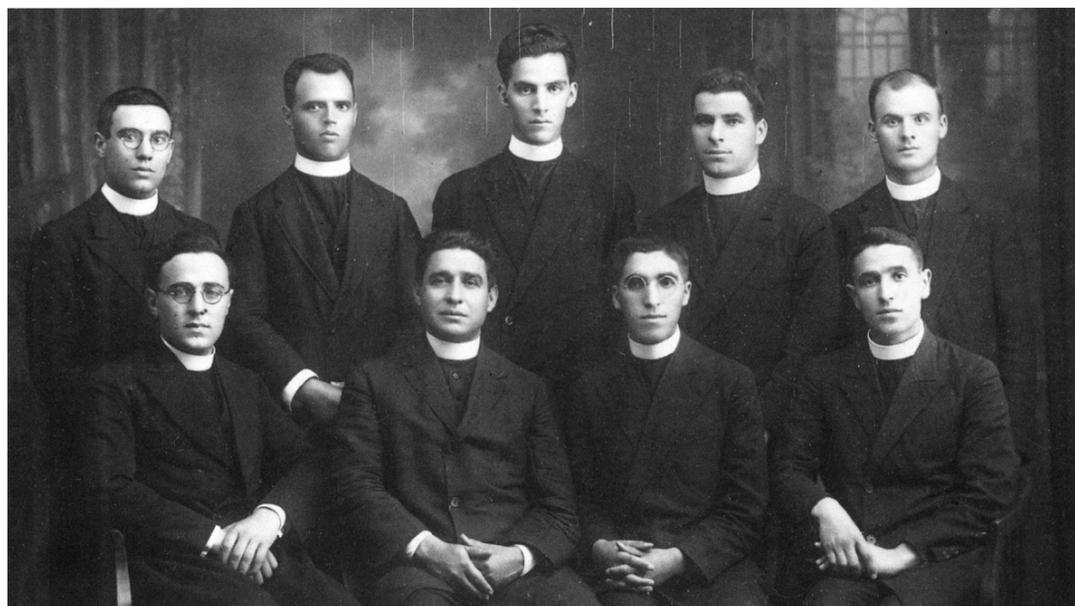
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes



Padre Américo e discípulos [da esquerda para a direita]: António Lopes Baptista, Américo Monteiro de Aguiar, Augusto Nunes Pereira, António Antunes da Cruz Gomes [sentados]; Miguel Domingues Ferreira, José da Costa Melo, César Pereira Roque, Artur das Neves, José Martins dos Santos Lima [de pé].

Padre Américo!

NESTE tempo muito festivo em especial para a família da Obra da Rua, da Igreja Católica em Portugal, pelos 90 anos de ordenação presbiteral do *Servo de Deus Padre Américo*, não se surpreenda o prezado leitor por deixarmos registados vários relatos simples relativos a esse acontecimento eclesial muito significativo e mostrarmos alguns retratos com os seus discípulos. De facto, há uma *história viva*, tecida por figuras destacadas ou simples, em contextos próprios, que se pode perpetuar na memória colectiva e cuja segurança histórica depende da fiabilidade documental. *O mundo histórico é como um oceano onde afluem todas as histórias parciais.*

Acontece que dois anos antes de partir para o Céu, em Julho de 1954, o próprio Padre Américo teve de pedir, ao seu Bispo de Coimbra, um *documento comprovativo de estar no legítimo exercício das suas Ordens!*... Por ser verdade, foi-lhe passado, como iremos comprovar, pelo que não há nenhuma dúvida do que escreveu, em 1947: *Sou da Santa Madre Igreja Católica, aonde espero morrer.*

Considerando a *luta entre o homem* [Américo Monteiro de Aguiar] e a *Graça* e outras dificuldades sofridas no seu itinerário vocacional, sempre conduzido por Cristo Jesus, O Bom Pastor, chegou a esse momento extraordinariamente feliz, no Seminário Episcopal de Coimbra, em que recebeu a imposição das mãos pelo seu Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva. *Laus Deo Virginiq Matri!* Por isso, desde esse dia — 28 de Julho de 1929 — que o Padre Américo após ao seu nome de baptismo um significativo ponto de exclamação: *P. Américo!*

No jornal diocesano *Correio de Coimbra* [3 de Agosto de 1929], são dadas mais informações sobre a sua ordenação presbiteral, pelo que também fica arquivada nesta coluna a notícia correspondente, desta forma:

Ordenação no Seminário/ No

domingo passado, 28 [de Julho], S. Ex.a Rev.a o Senhor Bispo Conde conferiu as seguintes ordens:

Presbítero — aos Revs. *Diáconos: Américo Monteiro de Aguiar, de Galegos, Diocese do Porto; Augusto Nunes Pereira, de Fajão; José Marques da Silva, de Almo-*

ster; Diácono — aos Revs. *Subdiáconos: Artur das Neves, do Lourçal; Ceias [César] Pereira Roque, de Unhais-o-Velho; José da Costa Melo, de Arganil; José Martins dos Santos, da Pampilhosa da Serra.*

Subdiácono — aos Revs. *Minoristas: António Gomes, de Areias; Silvestre Dias Gouveia, de Buar-*

cos. No registo do *P.e Américo Monteiro de Aguiar*, no Arquivo Diocesano de Coimbra, no ano de 1929 vem anotado o seguinte [a lápis, pelo Cónego André Freire]: *or. [ordenado de Presbítero] 28-7-1929 — cap.la [capela] [de Nossa Senhora da] Anunciação — Seminário [de Coimbra].*

No dia seguinte à sua ordenação presbiteral, o Padre Américo celebrou a Eucaristia de início de ministério, conforme restante notícia supra citada, do *Correio de Coimbra*, muito interessante e que informa assim:

Na segunda-feira, 29 [de Julho], rezou a sua Missa nova, no Seminário, o P.e Américo de Aguiar.

Assistiram-lhe o Rev.mo Cónego Nogueira e seu irmão, o Sr. P.e José M. [Monteiro] de Aguiar.

Cerimónia comoventíssima, em que o tom particular daquela festa sempre tão linda, mais fez realçar a unção verdadeiramente sacerdotal do “Homem de Deus”, que ora vai começar uma nova vida, semeando Jesus nas almas...

Que N. [Nosso] Senhor o abençoe e nos abençoe a nós por ele.

Entretanto, no registo biográfico referido [a tinta], foi anotado o seguinte: *1929 — 30 — Julho — Pede licença para a 1.a e mais Missas. “P. P. na forma do estilo”.*

Deste requerimento, foi dada nota no jornal *Correio de Coimbra*, nestes termos: *Movimento*

da Câmara Eclesiástica 23 a 31 de Julho [de 1929] / [...] Licença para celebrar a primeira e mais missas — aos Revs. Padres Américo Monteiro de Aguiar, da freguesia de Salvador de Galegos, diocese do Porto; Augusto Nunes Pereira, da freguesia de Fajão; José Marques da Silva, da freguesia de Almo-

ster. O Padre António Moreira da Rocha, preclaro investigador penafidense, que ainda conhecemos pessoalmente em S. Miguel de Paredes (Penafiel), deixou uma pormenorizada descrição dos momentos antecedentes e da Ordenação Presbiteral e da *Missa Nova* do Padre Américo, em 28 e 29 de Julho de 1929, Domingo e segunda-feira, no Seminário Episcopal de Coimbra, cujo testemunho vamos relembrar aqui, como gratíssima memória do seu início de ministério presbiteral, há 90 anos.

Ora, eis: *Tendo em conta a idade e as habilitações literárias que já possuía, o Prelado de Coimbra, ao cabo de quatro [três] anos de estudos filosóficos e teológicos, julga-o digno de receber o presbiterado. Assim o anunciava ele jubilosamente em carta de Abril de 1929, em que me dizia estar prevista a ordenação para Julho desse ano. Pedia que não faltasse ao acontecimento, obtida previamente licença de meu Pai. A minha resposta afirmativa motivou nova epístola, a 4-6-29, em que dizia: “Eu já tinha uma carta feita para cima, a perguntar se ainda rabiava. Obrigado; estou radiante com a deliberação paterna. Virá em dia que a seu tempo avisarei: talvez no último sábado de Julho”. De seguida, descia a pormenores, marcando-me para essa ocasião uma estadia de oito dias em Coimbra. Celebrada a “primeira Missa”, dizia, e feitos “uns giros por estas formosíssimas redondezas, seguimos acima, a celebrar a minha segunda — primeira Missa em Paço de Sousa aos meus irmãos, acto muito íntimo, muito recolhido, com o amor e fervor das catacumbas, comungando todos das mãos pecadoras deste que foi, se não o maior pecador, com certeza um dos grandes pecadores do mundo!”.* □

BENGUELA

Padre Manuel António

DOMINGO, 21 de Julho de 2019. Foi o dia de mais um encontro festivo dos filhos Gaiatos de Benguela, para celebrar a memória de Pai Américo. No dia 16 de Julho, toda a Obra da Rua celebra a sua partida deste mundo para o Céu. Neste ano, assim aconteceu. Porém, muitos dos rapazes que foram criados nesta nossa Casa do Gaiato de Benguela e vivem as suas vidas com autonomia, não puderam estar presentes. Por isso, a memória de Pai Américo pediu outra celebração. Aconteceu no dia 21, domingo passado. Foi, sem dúvida, um sinal de que a memória de Pai Américo está muito viva no coração dos filhos que passaram pela Casa do Gaiato.

No programa da Festa, a celebração da Eucaristia ocupa um lugar central. Pai Américo é um fruto do Amor celebrado na Eucaristia. Jesus Cristo ofereceu a Sua vida por Amor. Este Acontecimento é lembrado sempre que participamos na celebração da Eucaristia. Pai Américo foi e é um autêntico apaixonado por Jesus Cristo. O seu amor invadiu os corações dos mais pobres. Os filhos da rua, abandonados, estão no número dos mais pobres. Pai Américo dedicou-lhes todo o seu coração, até à morte. Por isso, estes filhos, dum modo especial, têm a lembrança de Pai Américo como os filhos muito queridos lembram os seus pais. As nossas Casas do Gaiato querem ser as Casas de Família destes filhos. Por isso, quando chega a hora de darem um passo decisivo nas suas vidas, ingressam na vida normal de todo o ser humano, com a sua vida autónoma. Deixam a Casa do Gaiato e levam o seu coração cheio do amor e da lembrança de Pai Américo. Por isso, quando há uma Festa alusiva a Pai Américo querem estar presentes. Foi exactamente o que aconteceu. A nossa Casa do Gaiato de Benguela ficou cheia com os filhos vindos para a celebração do dia de Pai Américo.

Ao apresentar as maravilhas operadas nos corações destes filhos abandonados, não significa que os maus comportamentos de alguns deixem de existir e surjam motivos que geram tristezas. Numa família natural acontecem estas realidades. Não podemos desanimar. É uma oportunidade maravilhosa para a explosão do amor verdadeiro. O remédio mais eficaz é, sem dúvida, a abertura do nosso coração ao exercício do amor e da paciência, confiando no bom resultado. Vamos, pois, com um coração de pais seguir este caminho. Não é em vão que uma vida é oferecida por amor. Dum modo especial, lembramos as crianças abandonadas. Nos corações desses filhos abandonados, dum modo especial, está viva uma vocação sublime dos corações paternais da família de sangue e doutros corações, à semelhança do Coração de Jesus que se entregou por todos, sem excepção. A compaixão é a qualidade magnífica dum coração verdadeiramente solidário.

Como está o meu coração? Como está o teu coração? A atitude perante os filhos abandonados, de comportamento difícil, que já não esperam nada de ninguém e, por isso, se encontram abatidos, a atitude a tomar é levar-lhes um bom ânimo. Para tal é preciso sair de mim mesmo, isto é, deixar os meus esquemas mentais já consumidos e sentir-nos solidários corajosamente. □

O NOSSO CALVÁRIO

Padre Fernando Fontoura

Continuação da página 1

Compreendendo-se, nos idos anos 50, que as questões legais relativas a estas matérias eram inexistentes e por isso a despreocupação com estas questões. Assim foi construída e funcionou maravilhosamente esta instituição como pode ser atestada por inúmeros testemunhos intra e externamente à “Obra”...

Como em qualquer situação de mudança existem sempre disrupções, quer pelos hábitos e vivências que são alteradas, quer pela permanente “recusa” à mudança. Pois “a zona de conforto” é sempre uma segurança pessoal. Por tudo isto e pela deslocação para outros edifícios trouxe alguma perturbação compreensível aos nossos doentes e rapazes. Mas tudo isto foi imprescindível para ser possível implementar o processo em curso e manter os que ficaram na sua casa de sempre. Eles são os heróis e o sinal vivo desta casa. Apesar de algum sofrimento, mas com o esforço de todos, vamos mantendo a vitalidade institucional.

Mas para ser possível continuarmos de “portas abertas” com os que ficaram, tivemos de assumir compromissos de requalificação de alguns espaços, para provisoriamente alojarmos os doentes e rapazes que restaram entre nós.

Por isso, nos dois edifícios escolhidos para este alojamento transitório, realizaram-se obras de restauro e instalou-se novo sistema eléctrico, para possibilitar a colocação de aquecimento.

Também todo o sistema de abastecimento de água foi remodelado, com águas quentes e frias, de modo a proporcionar um maior conforto.

À posteriori todas as intervenções realizadas foram verificadas pelos intervenientes neste novo caminho que estamos a realizar.

Apesar de continuar a publicação sobre “O Nosso Calvário...”, gostaria de comentar que, em reunião no ISS Lisboa, nos foi dito que tudo se faria, desde que verificadas as condições acordadas, para se reunificar a “família”, qual vontade permanente dos nossos doentes que constantemente nos interpelam acerca das obras e quando eles poderão regressar a sua casa. Isto nos dá alento para caminharmos com a esperança em mais breve possível acontecer a convivência fraterna que sempre existiu entre nós! (continua...) □